

# Ad Vesperas.

de Marco Mencoboni

Descobriria o mar já adulto, durante a primeira noite de viagem entre Espanha e Itália, deixando as ásperas terras de Toledo rumo à cidade do Papa: Roma.

Aquela primeira longa noite em alto mar ia-lhe abrindo as portas de um mundo ainda desconhecido. Suspenso entre céu e terra, deu por si sozinho na imensidão da natureza e na contemplação de todos os seus movimentos. O conjunto daqueles gestos maravilhosos era a essência da pureza, a mesma que ele procurava na sua arte: a música. Na escuridão da noite, em alto mar e aplicando o ouvido para o céu, acabaria por ouvir, um dia, o som das esferas, a doce sinfonia que as estrelas e os planetas produziam ao tocarem-se ao de leve e ao acariciarem-se uns aos outros no universo.

Os anos que passou em Roma foram para Diego Ortiz cheios de glória, a sua fama de virtuoso tinha transposto as muralhas da cidade, os seus livros sobre a arte de tocar a viola de arco tinham chegado até Veneza e além-Alpes.

Num dia de Primavera de 1552, chegou-lhe um sobrescrito com o selo real, remetido pelo Rei de Espanha, Carlos V, em pessoa. O sobrescrito continha um livro e uma carta; Nicolai Copernici Torinensis De revolutionibus orbium coelestium estava escrito na

primeira página do livro, na carta, o pedido para se deslocar a Nápoles e dar nova vida à Capela Real de Música. Aquele volume iria subverter a ideia do universo depois de milênios, aquela carta, a existência de Diego Ortiz depois de apenas trinta anos de vida.

Il Magister Musices da Capela Real Diego Ortiz encontrara um único sítio em Nápoles capaz de lhe devolver a emoção daquela primeira noite em alto mar: a ponta da ilha de Castel dell'Ovo. Estar ali era, para ele, como navegar em alto mar e ia até lá todas as tardes de lua nova depois das Vésperas. Para aquele lugar, construía com as suas mãos um banco comprido para olhar o céu e, ao mesmo tempo, ouvir o som do mar.

Obedecendo a um pequeno ritual sempre idêntico, largava a espada e, cheio de fé, aplicava o ouvido para o céu. Ficava horas a fio naquele estado de contemplação, até ouvir ressoar alto, dentro de si, a perfeita harmonia da imensidão. Só então se levantava e subia para a pequena capela do Castelo, onde guardava uma das suas violas de arco. Naquele estado, tocava e cantava até ao esgotamento, como se quisesse transformar em música a graça que o invadira. Era o seu modo de rezar a Deus.

A noite sem lua de sexta-feira 9 de Maio de 1567 foi diferente do habitual, porque no seu banco, de olhos virados para o céu, encontrou um homem deitado. Um sopro de espada desembainhada

fendeu o ar e o desconhecido levantou-se, de repente, assustado. Era um jovem napolitano que amava olhar para as estrelas e por isso tinha alcançado a nado a ponta de Castel dell'Ovo. Evitou ser trespasado invocando Júpiter, bem visível e resplandecente a sul, baixo no horizonte. Bastaram aquelas poucas palavras para baixar a arma e calar a desconfiança e o medo.

Depois da publicação do seu *Musices Liber Primus*, Diego Ortiz convenceu-se de que estava constantemente em perigo, por, no livro, ter ofendido e ridicularizado os músicos napolitanos; no entanto, não teve receio daquele jovem que amava as estrelas e discutiu com ele astronomia, aritmética, geometria e música. Antes do nascer do sol, falaram sobre o som das esferas e o jovem disse então que, se Platão e Dante tivessem conhecido o canto de Camilla Esposito, o teriam julgado mais bonito do que a música do Universo. Ortiz ficou curioso e perguntou onde se podia ouvir aquele canto, o jovem napolitano explicou que Camilla Esposito cantava na Igreja da Anunciação nas Vésperas dominicais.

A Anunciação era o reino de Domenico da Nola, o músico napolitano que transformava crianças abandonadas em cantores e instrumentistas; falava-se em execuções com centenas de executantes, que abalavam profundamente e elevavam à beatitude as almas mais sofredoras.

“A música não faz milagres” pensou Ortiz.

Apesar de viver em Nápoles há anos, negara-se a ouvir a música das Capelas Napolitanas, que julgava com desprezo: *intra angustos terminos esse positam; ut a suis progenitoribus, nulla similitudine sit agnoscenda*, (a música é de tal forma confinada a espaços limitados, que os seus progenitores têm dificuldade em reconhecê-la por algumas semelhanças), roubar aquela audição tornou-se, todavia, o seu desejo mais ardente.

O rapaz ofereceu-se para o acompanhar à Anunciação para as Vésperas do domingo seguinte e o Magister aceitou, iria disfarçado, sem armas nem escolta de soldados para o protegerem.

Tufos da sua barba encrespada mal se entreviam sob o amplo capuz de frade que lhe tapava o rosto, quando os seus servos o viram desaparecer a pé, engolido pelo fragor das escuras, estreitas e buliçosas ruas de Nápoles; o rapaz das estrelas esperava-o, pontual, fora da igreja. O sol acabara de se pôr, entraram, a igreja estava apinhada e o celebrante entoou o *Deus in adjutorium*, ao qual responderam os monges que ocupavam a abside. Pela suavidade daquelas vozes que se fundiam numa só, percebeu de imediato que o mundo sonoro no qual estava prestes a mergulhar era muito distante daquele que estava habituado a ouvir; um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha.

Os salmos eram cadenciados com orgulho por um grupo de monges

dispostos em torno da estante de música; eram vozes do povo, dotadas de um volume e de uma potência impressionantes. Quando entoaram o Gloria, levantou o olhar, à procura do lugar, lá em cima no topo da abóbada, para onde se viravam os cantos e os braços dos cantores, invocando a misericórdia de Deus. O Magister nunca tinha ouvido nada semelhante, uma tempestade de música aturdiu-o e inebriava-o, como vento, o som soprava com força no seu rosto.

Foi depois do Confitebor, entoado por quintas paralelas, que se deu o milagre, pois a polifonia desenvolveu-se como nunca poderia imaginar. Poucas vozes a cantar à capela chegavam simultaneamente de todos os lados da igreja, mas, ao virar-se para procurar a origem daqueles sons, não via sinal de pessoas a cantar. A melodia do Alma Redemptoris Mater, cantada por uma única voz de soprano, destacou-se nítida por cima das outras partes e o jovem napolitano tocou no Magister; ei-la, aquela era a voz de Camilla Esposito.

Cantava com entoação perfeita e o timbre era invulgar, ao levantar-se nos agudos, suavizava-se na cor e brilhava como prata, ao descer nos graves, o som escurecia e ecoava alto, da cor do bronze.

De onde chegava aquela voz, não se conseguia perceber, era como

se o céu se tivesse aberto e ela chegasse directamente do alto do Paraíso. Nas passagens entre as notas longas do canto firme, gorjeava demoradamente, como que a querer desenhar no ar com a voz. Aquela era a música que o Magister tinha desprezado publicamente, mas agora que estava mergulhado nela, tinha um único pensamento: saber que forma assumiria a sua música quando cantada daquela maneira. Esse desejo durou um instante. Quando todos começaram a cantar alto o tenor do motete, sentiu-se puxar com força o capuz do hábito sobre o rosto, foi arrastado para trás e a massa de som que o rodeava tornou inútil qualquer tentativa de pedir ajuda. Levaram-no, através de vielas a abarrotar de pessoas, rumo ao que sentia ser o fim da sua vida. O jovem que amava as estrelas era uma cilada.

Deu por si num grande compartimento vazio, sozinho, à espera.

Horas depois, entraram seis homens velados de branco e com eles as notas de uma villanella cantada por uma voz inconfundível: Camilla Esposito estava ali. Explicaram-lhe o motivo da sua condenação à morte: uma jovem napolitana tinha sido raptada por um grupo de soldados espanhóis e ultrajada no interior dos quartéis, um dos assaltantes era ele, o Magister. Não bastaram mil palavras para rejeitar aquela calúnia, o canto aproximou-se até ouvir o seu respirar atrás de uma porta e, a seguir, apareceu o rosto de Camilla Esposito.

A beleza dos seus traços não conseguiu disfarçar a raiva e o desprezo com os quais, cantando “..Empio cor, cruda voglia..” se aproximou do Magister, até lhe fazer sentir o hálito quente no rosto. Uma quinta descendente cantada com voz de peito avançou profunda à procura do coração do Magister, como se a música, naquele momento, tivesse o poder de matar “..mi parto ahi! sorte ria, sola soletta me ne vo cantando..” e desapareceu.

A Camarata de propaganda para o apuramento do gosto musical era a prisão de Diego Ortiz, um sítio onde a música era o pão de cada dia, por isso, não lhe foi negado um instrumento para as suas orações; trouxeram-lhe uma viola tenor, que afinou com cuidado e começou a tocar.

Foi a música que o salvou.. ocou e cantou a noite toda, como costumava fazer na pequena capela de Castel dell’Ovo, entoava com o instrumento a melodia de um motete, como o Salve Regina ou o ‘Alma Redemptoris e produzia depois cânones com a voz e diminuições com o instrumento.

No palácio ressoaram até de madrugada os seus contrapontos e todos os músicos presentes ficaram acordados para escutar a maravilha da sua arte. Camilla Esposito, pelo contrário, dormiu e foi ela que o quis livre na manhã seguinte: no sono, embalada pela sua

música, tinha-lhe aparecido o rosto de uma mulher que apertava na mão metade de uma medalha napolitana. A outra metade estava com ela, atada ao pulso direito desde que a mãe a abandonara, envolta num trapo, na roda da Anunciação. Encontrar aquela meia medalha era o sonho com o qual vivia todos os dias, a música durante a noite dera-lhe uma esperança, aquele era para ela um sinal do destino.

Deram ao Magister roupa limpa e não foram precisas palavras: inclinaram-se diante dele e da sua música e mandaram-no levar para o Palácio Real, na certeza de que regressaria um dia para os prender.

De facto, regressou, mas com uma oferta e um pedido; em oferta, trazia o Musices Liber Primus e o pedido era o de se juntarem todos na Capela Real para cantar e tocar nas Vésperas Solenes da Cartuxa de São Martinho na presença do Vice-rei de Espanha.

A celebração realizou-se a 11 de Novembro de 1567 e começou quando um dos cartuxos bateu com força, fazendo-a ressoar, numa pétala da flor de pedra negra da Capela de São João Baptista, sobre aquele som Camilla Esposito entoou o Dixit Dominus. Todos começaram a cantar, Rodio, Da Nola, Valente, Dentice e o Magister Diego Ortiz cantavam e tocavam à volta da grande estante de madeira de São Martinho; pela primeira vez, Nápoles e Espanha juntavam as suas vozes num único canto, esse era maior milagre de



Camilla Esposito.

Mas outro, mais íntimo e profundo, estava prestes a acontecer: à palavra Mater do Benedicta es cœlorum, a jovem napolitana ouviu a metade da medalha que trazia atada ao pulso rebolar no chão. Ricocheteou duas vezes para ir parar aos pés de uma freira ajoelhada em oração atrás do altar e ficou em equilíbrio no pavimento por entre as malhas da grade de mármore que se abria sobre a câmara de ressonância do coro, Camilla parou de cantar e correu a apanhá-la, no mesmo instante, a mão cândida e quente da freira suspendeu a oração e debruçou-se para o chão, as duas mãos tocaram-se. A jovem levantou os olhos e viu espelhar-se no seu rosto o da mulher que lhe aparecera em sonho; como na noite já longínqua, a música de Diego Ortiz ressoava no ar à sua volta.

Nunca ninguém ficou a saber porque é que naquela noite Camilla Esposito parara de cantar de repente, nem o Magister, que, no fim das Vésperas escutava enfeitiçado a harmonia perfeita com a qual se fechava o seu Salve Regina a 5 vozes. No alto do céu, Vénus estava a pôr-se, entregando à Lua a abóbada estrelada. Orion e Sírio dali a pouco seriam donos da noite, precedendo o surgir luminoso de Marte, mas aquele que se ia apagando devagar, diante dele, pois bem, aquele era o som das esferas.

